

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 8 | Nº 24 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5765703>



EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE: A PRIMEIRA MULHER INVESTIDORA DO BRASIL

Rita de Cássia de Oliveira Ferreira¹

Resumo

O presente ensaio apresenta a vida de Eufrásia Teixeira Leite (1850 – 1930), primeira mulher e brasileira a investir na bolsa de valores, numa época em que apenas homens possuíam conhecimento e acesso a tais operações. A partir de revisão bibliográfica serão abordadas as questões da mulher na historiografia do Brasil, o seu espaço na sociedade e as relações de gênero enfrentadas até hoje. Tendo a nossa personagem como plano de fundo principal para discussão, este texto analisa o seu exemplo prático e teórico no pioneirismo e resistência em uma sociedade machista e patriarcal que aos poucos vêm evoluindo.

Palavras chave: Brasil. Eufrásia Teixeira Leite. Finanças. História. Mulher.

Abstract

This essay presents the life of Eufrásia Teixeira Leite (1850 – 1930), the first Brazilian woman to invest in the stock exchange at a time when only men had knowledge and access to such operations. Based on a bibliographical review this article addresses on issues related to women in the historiography of Brazil and their space in society and gender relations up to the current days. Taking for granted our character as the main background for discussion this paper analysis her practical and theoretical example for pioneering and resistance in a sexist and patriarchal society that has slowly been evolving.

Keywords: Brazil. Eufrásia Teixeira Leite. Finance. History. Woman.

A MULHER EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE

Eufrásia Teixeira Leite nasceu no ano de 1845, na pequena cidade de Vassouras, no Rio de Janeiro, situada no Vale do Paraíba, também conhecida como Vale do Café. Neta de barões da mineração das Minas Gerais e dos maiores cafeicultores da região do Vale do Paraíba, e filha de Ana Esméria Teixeira Leite (1827 – 1871) e Joaquim José Teixeira Leite (1812 – 1872), um prestigiado advogado, conservador, escravocrata e político (foi presidente da Câmara de Vassouras; vice-presidente da província do Rio de Janeiro; fundador da Sociedade Promotora da Civilização e da Indústria em Vassouras; Oficial da Ordem da Rosa; e membro atuante da Comissão Permanente para Fazendeiros de Vassouras), empresário (sócio dos negócios familiares Casa de Descontos e Teixeira Leite & Sobrinhos, os quais ofereciam créditos abertos e empréstimos a juros para fazendeiros da região) e comissário do café – financiador, comprador e revendedor da produção do vale (MUSEU CASA DA HERA, 2021; FERNANDES, 2019).

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Roraima. Pós-graduada em Comércio Exterior e Negócios Internacionais, bem como em Logística e Supply Chain Management pela Fundação Getúlio Vargas. Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é pós-graduada no curso de especialização em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina pela Universidade Federal do Pará. E-mail para contato: rita.ferreira@gmail.com



Figura 1 – Joaquim José Teixeira Leite e Ana Esméria Teixeira Leite – pais de Eufrásia



Fonte: Fotografia de autor desconhecido *apud* ROCHA; ALVES; QUEIROZ, (2015, p. 38).

Após casarem, Joaquim José Teixeira Leite e sua esposa Ana Esméria Teixeira Leite foram morar na hoje conhecida como Casa de Hera, uma casa-museu preservada com tudo o que havia de melhor, exclusivo e moderno nas casas da elite brasileira do século XIX. Juntos tiveram primeiro um menino de nome Francisco, que faleceu pouco tempo depois de seu nascimento (CATHARINO *s/d apud* ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015), seguido de duas meninas, Francisca Bernardina Teixeira Leite (nascida em 10 de dezembro de 1845) e Eufrásia Teixeira Leite (nascida em 15 de abril de 1850) (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015).



Tendo como herdeiras duas meninas para dar continuidade aos negócios familiares, era natural a época que casamentos arranjados fossem estabelecidos para que se mantivessem as riquezas das famílias. Muitas vezes os casamentos eram formados entre próprios membros da família, como primos e tios, para que a fortuna ficasse e se multiplicasse no meio dos mesmos; ou então, entre filhos de grandes fazendeiros ou equivalentes a sua “casta” na sociedade.

Contudo, ao contrário dos costumes da época, em que meninas se restringiam a aprender canto, piano, corte e costura, boas maneiras e como cuidar do lar, Eufrásia e Francisca aprenderam com seu pai sobre matemática financeira e outros conhecimentos necessários para serem independentes. Afinal, diante de tanto dinheiro e de um viés liberal, Joaquim Teixeira passou para suas filhas boas maneiras de lidar com seus patrimônios.

A fortuna de Joaquim formava-se sobre os juros de seus empréstimos para o fomento das fazendas de café, transporte e exportação dos grãos. A família tinha uma empresa de exportação de café na cidade do Rio de Janeiro, a Teixeira Leite e sobrinhos. Em Vassouras, Joaquim possuía uma espécie de banco do café, a Casa de Descontos. Era um capitalista do “agronegócio” oitocentista. Ele próprio não investiu muitos recursos em fazendas, escravos e pés de café, como outros da família. Sua ação era majoritariamente financeira, ainda que umbilicalmente relacionada à venda de café de conhecidos e familiares (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015, p. 37).

Sem a imposição dos pais, Eufrásia e sua irmã Francisca passaram dos 20 anos de idade sem pretendentes eminentes. Até que com a sucessão de perdas, primeiramente da mãe em 1871, seguidos do pai em 1872 e da avó materna em 1873, a tristeza demonstrada em cartas e a pressão dos tios fizeram com que as irmãs se mudassem para Paris (MELO; ALONSO, s/d *apud* ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015).

Em agosto de 1873, abordo do navio Chimborazo, Eufrásia se encontra com o advogado, diplomata e absolutista Joaquim Nabuco, não se sabe ao certo se ambos já haviam se conhecido, mas que esta viagem foi fundamental para despertar o amor por este homem tão conhecido e honrado pelo povo brasileiro. Logo, os dois chegam noivos na França, contudo, questões surgem e logo o noivado é rompido. Em relatos de cartas trocadas entre Joaquim e seu pai, Eufrásia teria notado um comportamento inapropriado de seu noivo com outra moça e diferentemente das mulheres da época, não aceitou essa situação infortuna tão comum entre alguns casais que exerciam uma vida paralela a que vivia diante de seus parceiros e da sociedade (QUEIROZ², 2018). Segundo Ribeiro (2021), outro ponto questionado é que ao casarem no Brasil, seguindo as leis nacionais, Eufrásia passaria os domínios de seu

² Eneida Queiroz é historiadora por formação e trabalha no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), assim conhecendo sobre a vida de inúmeras figuras históricas, como a de Eufrásia Teixeira Leite, de quem a partir de cartas e documentos sobre sua vida, escreveu o romance “A mulher e a casa”. Eneida ainda contribuiu na produção do livro que também estamos utilizando neste artigo, “Museu Casa da Hera” da coleção desenvolvida pelo Ibram, e ainda possui um canal no Youtube onde compartilha conhecimentos e experiências sobre museus e história do século XIX. Link do Canal do Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC7krEzfpMKus7auJcA5wA9w>



patrimônio ao seu marido, por outro lado, caso o casamento ocorresse na França, uma cláusula poderia ser acrescentada permitindo que a mesma permanecesse tendo posse de seus bens (RIBEIRO³, 2021).

Vários fatores dificultavam a concretização desse amor, vindo de uma família de políticos prestigiados, seria contra os costumes manter um casamento timbrado em solos estrangeiros, outra questão era a divergência política do casal, Eufrásia vinha de uma família escravocrata e Nabuco era um dos principais políticos a frente dos movimentos abolicionistas do Brasil. E ainda, a personalidade forte de Eufrásia, que não tolerava e nem seguia certos comportamentos e regimes da época.

Emancipada, Eufrásia deu a própria mão em casamento, apenas comunicando aos parentes brasileiros a sua vontade. Por mais que não pudesse impedi-la, seu tio (Barão de Vassouras) manifestou repúdio ao noivo. Razões não faltavam: o pai do rapaz era do Partido Liberal, enquanto os membros da família Teixeira Leite eram do Partido Conservador; o rapaz ousava ser um abolicionista, enquanto a família da noiva era dona de escravos; o desnível econômico era notável, a ponto da irmã Francisca também suspeitar que ele pudesse estar a procura de um bom dote. Ademais, talvez o tio ainda nutrisse a esperança de ver a sobrinha casada com alguém da família (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015, p. 48).

O relacionamento foi retomado mais duas vezes, porém, com a distância (ela na França e ele com suas obrigações políticas no Brasil) e por outros motivos desconhecidos, o relacionamento chegou ao fim. Baseando-se em cartas de domínio da Fundação Joaquim Nabuco e Museu Casa da Hera, os dois se comunicaram por meio de cartas por cerca de 14 anos, muitas enviadas por Eufrásia, sem receber resposta. A seguir temos uma das últimas cartas trocadas pelo casal, nota-se a dedicação e frustração dela com seu parceiro e descontentamento em estabelecer novos relacionamentos:

Repare bem e confira, que nessa nossa, como dizer, história, cedi sempre e que sendo a sacrificada resignei-me sempre a aceitar o papel contrário. Desde que viemos juntos da Europa, vivi desse sentimento por si. Não tive, não quis, nunca pensei em ter outro. Nele se passaram os meus bons anos, por ele condenei-me a uma [sic] vida no fundo muito triste e por ele tenho sofrido tudo que se pode sofrer (LEITE, s.d. *apud* TV BRASIL, 2012).

Em 1889, quase um ano após a Princesa Isabel ter assinada a Lei Áurea que acabou com a escravidão no Brasil, o abolicionista Joaquim Nabuco se casa com a também filha de cafeicultores bem dotada, Evelina Torres Soares Ribeiro, com quem teve cinco filhos e viveu até o final de sua vida em 1910 (FERNANDES, 2019).

³ A economista Mariana Ribeiro pesquisa há mais de 10 anos sobre a vida de Eufrásia Teixeira Leite, é cofundadora do Financial Feminism BR, autora do livro “Quero ser Eufrásia” e do projeto de mesmo nome onde ensina mulheres a administrarem seu dinheiro e a investirem na bolsa de valores.



EUFRÁSIA: UMA MULHER DE NEGÓCIOS

Passado seus rompimentos de noivado, solteira e afortunada com os títulos, ações e créditos a cobrar deixados por sua família, Eufrásia se estabelece na França. Diferentemente do que seus tios pensavam ao julgar as irmãs incapazes para administrarem suas heranças, Eufrásia iniciou uma trajetória pioneira de investimentos que logo viria a multiplicar a sua parte deixada por seus pais.

O afastamento das irmãs da cidade de Vassouras foi facilitado pelo fato da herança de seus pais não estar concentrada em fazendas, pés de café e muitos escravos. Era um espólio majoritariamente formado por títulos, ações e créditos a cobrar. O valor recebido por Eufrásia, somado à parte idêntica da irmã, chegava ao total do testamento paterno: 767:937\$876 (767 contos, novecentos e trinta e sete mil, oitocentos e setenta e seis réis). A herança de Joaquim José equivalia a 5% de todo o valor arrecadado pelo governo brasileiro com o imposto de exportação no ano de 1872. E nela havia apenas 12 escravos: 5 de Eufrásia e 7 de Francisca (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015, p. 43-44).

Se abdicando de uma vida tradicional com marido, filhos e administrando o lar, como se esperava de uma mulher de seu porte no final do século XIX, Eufrásia se curva ao gerenciamento de sua herança, articulando investimentos nas principais bolsas de valores do mundo como Paris, Londres, Nova Iorque e São Paulo, aplicando nos mais variados setores existentes, tais quais bebida, tecelagem, ferrovias, petróleo, entre muitos outros, em mais de 17 países e 9 moedas diferentes (RIBEIRO, 2021). De acordo com Ribeiro (2021), naquele período mulheres não eram bem-vindas em relações comerciais, o que contribuiu para que Eufrásia optasse pelo setor de investimentos financeiros.

Segundo Ribeiro (2021), o prédio onde os pregões ocorriam em Paris possuíam dois andares, um térreo onde apenas homens circulavam e realizavam as transações, e um segundo andar, por onde as pessoas podiam observar o movimento do piso inferior e onde as mulheres podiam transitar, já que naquele período até mesmo estar no mesmo ambiente que os homens, era visto como um comportamento promíscuo e imoral para a sociedade (RIBEIRO, 2021).

Desta forma, Eufrásia observava a movimentação das operações, fazia suas escolhas e em seguida contava com a ajuda de seu agente Albert, com quem trabalhou por mais de 20 anos, para colher sua assinatura e então iniciar a negociação de compra e venda no lugar de Eufrásia (RIBEIRO, 2021).

A seguir temos a imagem da pintura feita a óleo por Carolus Duran na França em 1887, quando Eufrásia tinha 37 anos, a exibindo em um vestido de baile. Podemos conferir sua feminilidade, beleza e elegância, também bastante cortejada e admirada pelos homens de seu meio. Atualmente o quadro original está localizado no museu Casa da Hera em Vassouras – RJ (figura 2).



Figura 2 - Eufrásia Teixeira Leite



Fonte: Óleo s/tela, Carolus Duran, França, 1887 (acervo do Museu Casa da Hera, Ibram, Ministério da Cultura) *apud* QUEIROZ; FREITAS (2018).

Em reconhecimento ao seu entusiasmo, coragem e forte atuação no mundo financeiro, Eufrásia Teixeira Leite foi reconhecida pela ONU Mulheres e pela Bolsa de Valores como a primeira mulher brasileira e possivelmente a primeira mulher do mundo a operar em bolsas de valores, isso tudo em um momento histórico onde mulheres não podiam participar dos pregões e nem mesmo tinham direito ao voto (MUSEU CASA DA HERA, 2020).

A multiplicação de sua fortuna ainda é um mistério que seu inventário pouco pôde desvendar, mas sabe-se que a herança aumentou substancialmente em suas mãos. Eufrásia é descrita como uma das primeiras mulheres a entrar na bolsa de valores de Paris. Segundo o biógrafo Ernesto Catharino, Eufrásia teria mandado instalar uma novidade tecnológica em seu palacete em Paris: um telefone com linha direta para a bolsa de valores. Os anos passavam e Eufrásia enriquecia cada vez mais, enquanto Nabuco se endividava. Pode-se perceber, pelos endereços onde residiu, que Eufrásia passou de rica (por conta da herança) à milionária (por conta do talento) (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015, p. 56).

Eufrásia faleceu em 1930, na cidade do Rio de Janeiro aos 80 anos. À época, seu testamento estava avaliado em quase duas toneladas de ouro, o que se especula que possa ser bem mais, uma vez que possuía títulos e investimentos em diferentes lugares os quais não foram considerados e/ou localizados (RIBEIRO, 2021; ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015). Sua herança então foi destinada a



três primos, alguns empregados e a maior parte para instituições de caridade localizadas na sua cidade natal, Vassouras - RJ, que renderam hospital, laboratório, escolas, quarteis, reservatório, condomínio de casas populares e entre outras, o museu Casa da Hera, já citado (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015).

A fortuna de Eufrásia tem utilidade pública e, por essa razão, seu nome será sempre lembrado. O Dr. Joaquim precisava de um filho homem que passasse seu sobrenome adiante: teve uma filha que o eternizou (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015 p. 65).

A MULHER DO SÉCULO XIX

Em termos gerais, o papel da mulher na sociedade se manteve quase que imutável desde a antiguidade até meados do século XX, quando novas perspectivas de gênero surgem e a inclusão da mulher nos mais variados aspectos cotidianos se faziam necessários e questionados após tantos anos de desigualdade de gênero e necessidade de emancipação daquela cultura patriarcal em que foram acometidas por tantas gerações.

Durante a infância de Eufrásia, meninas aprendiam desde muito novas a cozinhar, bordar, rezar, administrar seus futuros empregados, a cuidar de seus filhos e seus maridos, entre outras atividades domésticas, e aquelas de famílias mais abastadas, até poderiam aprender matemática e alguma coisa de legislação e finanças, a parte mais extensa e complexa era atribuída aos estudos dos meninos (ROCHA; ALVES; QUEIROZ, 2015).

Apesar de seu poder social e financeiro, a mulher sempre se viu questionada acerca de suas atitudes e papel na sociedade. Em cartas para Joaquim Nabuco, Eufrásia comentava que estava se comportando a margem da sociedade, por não se casar ou dar satisfação de sua vida aos tios e primos, ela dizia se sentir desconfortável por destoar deste padrão social estipulado, podendo ser mal vista em seu meio, ou até mesmo como “coração de pedra” ou por nenhum homem querer se casar com ela (RIBEIRO, 2021).

Eufrásia ainda comenta em carta que as pessoas acreditavam que ela devia ser uma das pessoas mais felizes do mundo por ter tantos recursos, porém, as pessoas não tinham noção dos desafios que ela enfrentava, como mulher não podia estar à frente de negócios, até mesmo por isso que ela recorreu aos investimentos (RIBEIRO, 2021).

Foi a partir das duas Grandes Guerras, que ocorreram durante a vida de Eufrásia e inclusive a incentivaram a retornar ao Brasil, que a mulher ganhou mais visibilidade no ambiente de trabalho, uma vez que a sua mão de obra substituiria os homens que estavam lutando em campos de batalha. Contudo, a constância de movimentos que reconheçam o seu papel político e social perdura até a atualidade.



Segundo Matos (2013, p. 6), no Brasil, apenas no final dos anos de 1960 é que surge uma “análise da sociedade brasileira centrada na teoria do patriarcado, tendo a preocupação de identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre as mulheres”.

Décadas se passaram, e a discrepância entre os homens e mulheres nos mais diferentes âmbitos ainda é existente. Participação política, econômica, profissional, salarial e social, são colocadas em xeque diante das relações de gênero e de poder infiltradas historicamente entre homens e mulheres. Relações em que Rago (1995) identifica como produto das determinações econômicas e sociais diante das relações de gênero e vulnerabilidade histórica.

Contribuindo para dar luz e voz às mulheres no passado, focalizaram-se as relações entre público e privado, social e íntimo, demográfico e político, destacando o papel das mulheres na família, casamento, maternidade, sexualidade e as questões da prostituição. Foram enfatizadas diversas ações impostas às mulheres destacando a educação, disciplinarização e modelos de conduta (MATOS, 2013, p. 5 *apud* DIAS, 1984; ENGEL, 1989; ESTEVES, 1989; LEITE, 1984; RAGO, 1985; SAMARA, 1989; SOIHET, 1989).

É oportuno para a mudança deste cenário as pesquisas voltadas para a realidade da mulher na sociedade e os movimentos feministas, pois seus debates acabam por atingirem diferentes camadas da sociedade e as coloca a refletirem sobre as conexões passadas/históricas e práticas atuais aplicadas às mesmas, instigando e difundindo o pensamento de que a construção das relações de gênero não está estagnada, mas sim se transformando e pronta para serem reconstruídas (MATOS, 2013).

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO E DA PESQUISA HISTÓRICA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO BRASIL

Foi na década de 1920 que mulheres começaram a serem retratadas por historiadores, jornalistas, e comentaristas da vida comum. A pauta surge em meio a figuras vivas da época, muitas vezes periféricas, em debates de pauta marxista acerca da divergência de classes e precariedade em que camadas da sociedade mais necessitadas estavam expostas.

[...] a partir da década de 1920, a emergência do grupo dos Annales, representado por Marc Bloch e Lucien Febvre. Diversamente da historiografia vigente, direcionam seu interesse para a história de seres vivos, concretos, e à trama de seu cotidiano, ao invés de se ater a uma racionalidade universal. À medida que a tradição historiográfica dos Annales propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela contribuiu para que as mulheres, posteriormente, fossem incorporadas à historiografia. O marxismo constituiu-se em outra corrente que assumiu posição significativa na historiografia (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 284).



No Brasil, é apenas na segunda metade do século XX que a mulher surge como objeto de estudo e inserida como referencial teórico-metodológico no contexto histórico social. Deixando de lado os estudos sobre a massificação de personalidades masculinas de grande representatividade em seu meio sociocultural, é que a figura feminina é buscada no contexto social, antropológico e histórico das mais variadas épocas. Com base em Rago (1995), até então não sabíamos como eram essas mulheres, suas forças, franquezas, angústias, histórias e papéis desempenhados, pois sempre a figura masculina se sobressaía diante das mesmas (RAGO, 1995).

Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração européia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção (RAGO, 1995, p. 81).

A partir dos levantamentos de Rago (1995) e Soihet e Pedro (2007) é que nós voltamos à história de Eufrásia Teixeira Leite, um símbolo de resistência feminina no Brasil. É comum que muitos cheguem ao seu nome por meio da vida e obra de Joaquim Nabuco, por ser considerado seu grande amor e por muitos um dande conquistador aos olhos das mulheres da época. Assim, deixando para trás o seu legado como figura a frente de seu tempo, ao resistir à dominação patriarcal, determinando os próprios passos de sua vida de forma independente, se tornando a primeira investidora do mundo e do Brasil, e sendo responsável por fomentar sua cidade derivadas de riquezas multiplicadas a partir de suas habilidades financeiras.

O impacto da presença feminina na historiografia aparece no questionamento de uma história centrada no conceito de homem enquanto sujeito universal, mostrando as fragmentações pelo sexo. Ao mesmo tempo, explicita-se a preocupação em desfazer a noção abstrata de “mulher” referida a uma essência feminina única, a-histórica, de raiz biológica e metafísica, para se pensar as mulheres enquanto diversidade e historicidade de situações em que se encontram.

Além disso, o impulso feminista desta produção evidencia-se na vontade de provar a capacidade criativa das mulheres enquanto sujeitos sociais capazes de fazerem a História, de investirem contra as múltiplas manifestações do poder, e enquanto elaboradoras de iniciativas, de formas de percepção e de experiências que merecem ocupar lugar na memória social, tanto quanto as masculinas (RAGO, 1995, p. 84-85).

Com a inserção e consideração da história da mulher nos estudos aplicados pela academia, é que debates surgiram e transcenderam as esferas diversas. Linhas teóricas pós-estruturalistas, pós-modernistas, pós-colonialista e de gênero deram início aos debates que trouxeram voz e o posicionamento da mulher na sociedade moderna. Soihet e Pedro (2007) lembram que algumas posturas



se opõem quanto a história de gênero e a história das mulheres. Contudo, é a partir destes confrontos, desta vez realizado em sua maioria por mulheres, que legitimamos um novo campo de estudo, qual seja, a história das mulheres e as relações de gênero, pauta tão importante para o progresso da humanidade enquanto sociedade.

CONCLUSÃO

Apesar de falecer antes dos estudos de gênero entrarem nos debates sociais, políticos e acadêmicos, Eufrásia Teixeira Leite é hoje um exemplo da resistência da mulher, que ignorou o machismo e patriarcado de meados do século XIX e início do século XX, sendo dona de si e administradora/multiplicadora de suas riquezas, assim, impactando positivamente em meninas e mulheres do Brasil e do mundo ainda nos tempos de hoje. É uma pena que sua trajetória ainda seja pouco conhecida, e ainda, atrelada a história de outra figura masculina, mas é por meio de artigos como este que recordamos e divulgamos a sua existência.

Para promover a memória de grandes mulheres da história é que é tão importante os estudos de gênero nos mais variados âmbitos e não apenas no campo das ciências jurídicas e sociais. A partir desses conhecimentos formaremos mais senhores Joaquim Leite, para atenuarem às suas filhas o acesso e o incentivo necessários para o seu desenvolvimento individual e emancipação.

Aprendemos com Eufrásia, que independentemente dos obstáculos da vida e das fragilidades a nós empregadas, somos sim capazes de construirmos o nosso espaço e contribuir para uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Neusa. **Eufrásia e Nabuco**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

MATOS, Maria Izilda Santos de. “História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas”. **Revista Mandrágora**, vol. 19. n. 19, 2013.

MUSEU CASA DA HERA. “A família Teixeira Leite”. **Portal Eletrônico Museu Casa da Hera** [2021]. Disponível em: <<https://museucasadahera.museus.gov.br>>. Acesso em: 08/09/2021.

MUSEU CASA DA HERA. “Aniversário de Eufrásia”. **Portal Eletrônico Museu Casa da Hera** [Publicado em: 18/04/2019. Última modificação em: 20/04/2020]. Disponível em: <<https://museucasadahera.museus.gov.br>>. Acesso em: 10/09/2021.

QUEIROZ, Eneida. **A mulher e a casa**. São Paulo: Editora Baraúna, 2018.



QUEIROZ, Marijara Souza; FREITAS, Jéssica Venância Franca de. “O traje como experiência social: a coleção de Eufrásia Teixeira Leite assinada por Charles Worth no museu Casa da Hera”. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. 7, n. 13, 2018.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RIBEIRO, Mariana. “A primeira investidora: conheça a brasileira que ficou bilionária no século 20. Entrevistada: Mariana Ribeiro. Entrevistadora: Ana Carolina Siedschlag.”. **Canal do Youtube Investing.com Brasil** [2021]. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 08/09/2021.

ROCHA, Cinthia; ALVES, Daniele de Sá; QUEIROZ, Eneida. **Museu Casa da Hera**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2015. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br>>. Acesso em: 08/09/2021.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n. 54, 2007.

TV BRASIL. “Museu Casa da Hera”. **Canal do Youtube TV Brasil** [2012]. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 09/09/2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 8 | Nº 24 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima